

DOSSIÊ ● ● ●  
**PENSAMENTO  
POLÍTICO E SOCIAL  
BRASILEIRO**

## DIMENSÕES METODOLÓGICAS DA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO CIRCUNSCRITAS AO PENSAMENTO POLÍTICO E SOCIAL BRASILEIRO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE OLIVEIRA VIANNA E ÉMILE DURKHEIM<sup>30</sup>

**Felipe Fontana<sup>31</sup>**

A Sociologia do Conhecimento é um importante campo da Sociologia no qual uma série de estudos se insere ou um postulado, repleto de pressupostos metodológicos, extremamente eficiente para auxiliar pesquisadores preocupados com a constituição do conhecimento em suas mais variadas formas e dimensões? Propor essa indagação é importante para não causar espanto aos leitores que, em um primeiro momento, podem estranhar uma exposição sobre as dimensões práticas, técnicas e operacionais de pesquisas que adotem a Sociologia do Conhecimento como a fonte das preocupações metodológicas de seus pesquisadores. Sendo assim, trataremos a Sociologia do Conhecimento como um campo disciplinar que para ser desenvolvido plenamente precisa de um método e técnicas próprias de pesquisa que levem em consideração suas principais orientações; ou seja, da mesma forma como vários outros saberes, ela necessita de um método particular que precisa ser posto em prática. Porém, que método é esse? Ou melhor, quais as técnicas inerentes à Sociologia do Conhecimento que podem e devem ser utilizadas pelos pesquisadores vinculados a este campo do saber sociológico?

Como um relevante campo da Sociologia, a Sociologia do Conhecimento prima pelos estudos que busquem averiguar a constituição do conhecimento levando em consideração os sujeitos do conhecimento e a posição dos mesmos em meio à realidade da qual fazem ou faziam parte. Contudo, desvendar essa importante relação exige um trabalho prático e técnico que não é abordado de modo sistemático por muitos pesquisadores que desenvolvem seus estudos nesse campo. Acreditamos que essa é uma lacuna vinculada à Sociologia do Conhecimento e que a mesma só pode ser fechada com a preocupação cada vez maior de se apresentar, minuciosamente, os meios pelos quais determinados estudiosos constituíram e desenvolveram suas pesquisas<sup>32</sup>. Dessa maneira, apresentaremos aqui, após uma análise dos principais

<sup>30</sup> Uma versão deste texto será publicada no livro *A Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim – Teoria, Método e Aplicação* (organizado por Vera Alves Cepêda e Thiago Mazucato) do selo editorial Ideias, Intelectuais e Instituições (UFSCar) em 2015.

<sup>31</sup> Felipe Fontana é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGPol) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>32</sup> Essa importante questão acerca da necessidade cada vez maior de se evidenciar os meios pelos quais se faz e se constrói uma pesquisa não foge do horizonte de preocupações de Michael Löwy presentes na obra *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*. Segundo o autor: “Do ponto de vista da sociologia crítica do conhecimento, a formulação que nos parece mais interessante entre os sociólogos franceses contemporâneos é (no domínio que nos ocupa) a de Pierre Bourdieu, segundo o qual as chances

pressupostos metodológicos lançados pela Sociologia do Conhecimento, os meios pelos quais edificamos e realizamos a pesquisa de mestrado intitulada *A Presença de Émile Durkheim em Oliveira Vianna: Contribuições ao Pensamento Social e Político Brasileiro* (2013). Na busca por uma exemplificação de cunho mais prático, mostraremos como este trabalho de mestrado vinculado ao nosso Pensamento Social e Político foi desenvolvido e operacionalizado levando em consideração os principais pressupostos metodológicos inerentes à Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim.

Realizar estudos que buscam compreender a trajetória de um pensamento, ou ainda, as concepções teórico-conceituais que o norteia não é uma das tarefas mais fáceis de realizar. Dessa forma, é necessário angariar uma série de orientações metodológicas e técnicas de pesquisa capazes de nos auxiliar nesse árduo trabalho. Leituras estruturais ou direcionadas, investigações comparativas, pesquisas em acervos, estudos bibliográficos, averiguações biográficas e análises de contexto histórico dos atores e dos períodos estudados parecem ser as principais formas de se compreender de maneira profunda um determinado pensador, as influências (teóricas, conceituais, ideológicas, políticas, etc.) que guiam seu pensamento no momento em que ele constituiu suas teorias e conceitualizações e, principalmente, o grau de inferência social e política de suas ideias. Nesse sentido, a Sociologia do Conhecimento parece transpor para a realidade dos pesquisadores atrelados a estes estudos – parte significativa daquilo que é produzido atualmente no campo do Pensamento Social e Político Brasileiro – todas essas questões como uma problemática metodológica circunscrita aos estudos daqueles que estão preocupados com a trajetória de ideais e com a constituição do conhecimento como um objeto analítico e específico de pesquisa<sup>33</sup>.

Na atualidade, notamos que há em nosso Pensamento Social e Político uma gama significativa de estudos e pesquisas que buscam compreender determinados autores levando em consideração as importantes mediações entre seus pensamentos e os contextos nos quais eles

---

de construir na produção da verdade dependem de dois fatores principais: 'o interesse que se tem saber e em fazer saber a verdade (ou inversamente, em ocultá-la ou ocultá-la de si) e a capacidade que se tem de produzi-la'. Em outros termos: 'a sociólogo está tanto mais armado para descobrir o oculto quanto mais armado cientificamente, quando ele utiliza melhor o capital de conceitos, de métodos, de técnicas acumulado por seus predecessores, Marx, Durkheim, Weber, e como outros, é quando é mais 'crítico', quando a intenção consciente ou inconsciente que o anima é mais subversiva, quando tem mais interesse em desvendar o que é censurado, contido, no mundo social'" (LÖWY, 2000, p. 217).

<sup>33</sup> Em nosso caso, a Sociologia do Conhecimento se apresentou de maneira importante para apreendermos algumas peculiaridades do pensamento de Oliveira Vianna; principalmente a pertinência do vínculo que o pensamento do intelectual fluminense estabelece com determinadas ideias, teorizações e conceitualizações durkheimianas e com o período histórico do qual ele fazia parte.

foram constituídos. Lília Mortiz Schwarcz e André Botelho, no artigo denominado *Pensamento Social Brasileiro, um Campo Vasto Ganhando Forma*, assinalam o quão expressiva é a presença de trabalhos que encaram com seriedade as conexões e as relações entre pensadores, ideias e contextos históricos e de produção do conhecimento:

Em consonância com a produção e o debate internacionais no domínio das ciências sociais, podem-se assinalar, ainda, algumas alterações importantes nesse campo de pesquisas [Pensamento Social Brasileiro], como o interesse pelos processos sociais não apenas de produção, mas também de aquisição, transmissão e recepção das diferentes formas de conhecimento; a visão dos detentores do conhecimento como um grupo maior e mais variado do que antes; o interesse pela vida intelectual cotidiana de pequenos grupos, círculos ou redes vistas como unidades fundamentais que constroem e difundem o conhecimento (BOTELHO; SCHWARCZ, 2011, p. 12).

A questão central posta pela Sociologia do Conhecimento, desde a sua concepção e teorização mais formal dada por Karl Mannheim em sua obra clássica *Ideologia e Utopia* (1929), é o profundo entendimento dos vínculos existentes entre o nascimento de determinados conhecimentos com os contextos e as condições históricas nas quais seu criador ou criadores estavam localizados, buscando estabelecer assim, as relações de influência entre o “conhecimento e a existência”<sup>34</sup>. Karl Mannheim, em sua definição da *Sociologia do Conhecimento* afirma que esta possui duas dimensões, uma teórica e outra prática; no entanto, como a própria citação abaixo diz, tais dimensões não são necessariamente excludentes:

A sociologia do conhecimento é um dos mais novos ramos da Sociologia; enquanto teoria, procura analisar a relação entre conhecimento e a existência; enquanto pesquisa histórico-sociológica, busca traçar as formas tomadas por esta relação no desenvolvimento intelectual da humanidade (MANNHEIM, 1976, p. 286).

Enquanto postulado, a Sociologia do Conhecimento vincula-se com duas importantes questões. A primeira é a necessidade de investigarmos e analisarmos de maneira empírica como se dá a influência das relações sociais e dos acontecimentos históricos em relação às ideias e ao pensamento. E a segunda, como afirma Karl Mannheim, relaciona-se com a averiguação e

<sup>34</sup> Considerando as palavras de Michael Löwy, também podemos notar esta importante questão posta pela Sociologia do Conhecimento, qual seja: a intrínseca relação entre o sujeito do conhecimento e o meio do qual faz parte na constituição de um dado conhecimento; para o autor: “É com *Ideologie and Utopie* (1929) e o artigo *Wissensoziologie* (1931) – escrito para um manual de sociologia e integrado à nova edição (inglesa) de *Ideologia e Utopia* em 1936 – que Mannheim vai sistematizar sua concepção da sociologia do conhecimento e fornecer uma contribuição original à problemática historicista. A ideia central do livro (em continuidade com os ensaios de 1924-25) é a de *Standortgebundenheit* ou *Seinsgebundenheit* do pensamento geral e do conhecimento (histórico-social) em particular. A tradução habitual destes termos *gebundenheit* não implica determinação, mas *dependência, ligação, vinculação*: seria preciso, portanto, falar antes de dependência do conhecimento com relação ao *ser* (social) ou vinculação do conhecimento a uma *posição* (social). Que entende Mannheim por ser social ou posição social? O termo inclui vários grupos ou categorias sociais: gerações, círculos, seitas religiosas, grupos profissionais, mas a estrutura decisiva é a das classes sociais” (LÖWY, 2000, p. 81).

inquirição epistemológica, ou ainda, a busca pela validação epistemológica de um determinado conhecimento:

A Sociologia do Conhecimento é, por um lado, uma teoria, e, por outro, um método histórico-sociológico de pesquisa. Enquanto teoria, pode assumir duas formas. É, em primeiro lugar, uma investigação puramente empírica, através da descrição e análise estrutural das maneiras pelas quais as relações sociais influenciam, de fato, o pensamento. O que pode levar, em segundo lugar, a uma inquirição epistemológica voltada para o significado desta inter-relação para o problema da validade. É importante notar que estes dois tipos de indagação não estão necessariamente ligados, podendo-se aceitar os resultados empíricos sem se tirar as conclusões epistemológicas (MANNHEIM, 1976, p. 288).

Levando em consideração a citação acima, devemos deixar claro que a segunda perspectiva apontada não foi levada em consideração na abordagem de nosso objeto de pesquisa; ou seja, a análise, a crítica ou a busca por validação epistemológica do conteúdo dos objetos por nós analisados no trabalho de mestrado supracitado não foram de fundamental importância para a realização de nossa pesquisa. Afinal, o foco de nosso trabalho vinculou-se com a necessidade de estabelecermos as conexões intelectuais entre Oliveira Vianna e Émile Durkheim, assim como a análise dos contextos históricos nos quais ambos os autores estavam localizados, evidenciando assim, algumas “pistas” extrateóricas<sup>35</sup> que traduzem uma aproximação no plano histórico e contextual entre o sociólogo brasileiro e o intelectual francês. Lília Mortriz Schwarcz e André Botelho atentam para essa importante questão e características de muitos trabalhos brasileiros apreendidos atualmente no campo do Pensamento Social e Político Brasileiro:

É o caso, para permanecer num plano mais geral, da busca de sínteses entre as abordagens que, de modo mais ou menos disjuntivo, ora privilegiam análise de textos, identificada genericamente à história das ideias e da arte, ora a reconstrução de contextos, identificada à história intelectual ou cultural. Não se trata obviamente de questionar a validade dessas abordagens. Muito pelo contrário, representa antes o reconhecimento de que a busca de novas visões sintéticas significa, entre outros, condição para que se possa aperfeiçoar e até mesmo completar movimentos analíticos próprios. Antes centrado quase exclusivamente na pesquisa dos processos de constituição social das ideias, das artes ou da *intelligentsia*, interessa também especificar como estas, levando em conta as relações mais ou menos condicionadas que mantêm com os grupos sociais e as sociedades que as engendram, participam reflexivamente da construção do próprio social (BOTELHO; SCHWARCZ, 2011, p. 13).

A necessidade de nos colocarmos a serviço do estudo da constituição de determinados pensamentos simboliza, em um primeiro momento, uma própria flexibilidade em relação ao conhecimento e suas origens; desse tipo de pesquisa resulta de maneira mais direta a compreensão das condições em que determinado pensamento emergiu e quais as relações dessas

<sup>35</sup> Termo cunhado por Karl Mannheim na obra *Ideologia e Utopia* que é também denominado pelo autor como “fatores existenciais, em contraposição aos fatores puramente teóricos” (MANNHEIM, 1976).

com a construção de um dado conhecimento<sup>36</sup>. No caso de nossa pesquisa que busca compreender as conexões intelectuais entre Émile Durkheim e Oliveira Vianna, o caminho que escolhemos ligou-se ao entendimento do cenário intelectual do qual Oliveira Vianna participava e qual a presença de Émile Durkheim nesse ambiente. No que se refere à busca de relações exteriores, históricas ou *extrateóricas*, para usar os termos de Karl Mannheim, que não levam em consideração a leitura que o sociólogo brasileiro fez das ideias do intelectual francês, também priorizamos o entendimento dos contextos históricos nos quais estes autores estavam localizados e as mediações e implicações que tais momentos tiveram em relação ao pensamento de ambos os autores<sup>37</sup>.

A atenção voltada para este importante vínculo entre os sujeitos do conhecimento e as condições históricas de seu tempo é fundamental para apreendermos e identificarmos, além dos próprios sujeitos do conhecimento, quais as contribuições destas na formação de ideias e de teorias que, de maneira geral, influenciaram na constituição de um dado saber, o qual, por vezes, pode estar ligado com a própria interferência, construção e modificação de uma determinada realidade social, política, econômica, intelectual ou cultural. Em relação aos sujeitos do conhecimento, destacamos as palavras de Emilio Lamo de Espinosa que estão presentes na obra *La Sociología del Conocimiento y de la Ciencia*, para assim, apreendermos de maneira mais precisa essa questão:

A singularidade da Sociologia do Conhecimento deriva do fato de que toma por objeto todo o conhecimento tornando-se um conhecimento do conhecimento, um conhecimento reflexivo [...]. Deste modo, a reflexividade é a operação que permite por em descoberto o sujeito do conhecimento, tematizando-o como parte, como parte ativa, do ato de conhecer (ESPINOSA, 1994, p. 48).

A Sociologia do Conhecimento possui, de fato, várias vertentes críticas que buscam problematizá-la e colocar em evidência suas novas possibilidades interpretativas frente aos novos

<sup>36</sup> Obviamente, que desse processo todo de trabalho e pesquisa também emerge, de maneira mais indireta, o entendimento das raízes de determinadas idéias, pensamentos e conhecimentos que influenciaram ações concretas no meio social. No caso de Oliveira Vianna, sinaliza um cuidado em relação às concepções norteadoras de seu pensamento e a ligação deste com o trabalho político desenvolvido pelo intelectual brasileiro nos aparatos do Estado Brasileiro entre os anos de 1932 e 1940.

<sup>37</sup> Concatenadas a esta questão, destacamos as palavras de Léo Rodrigues Júnior que, por sua vez, estão presentes no artigo denominado *Karl Mannheim e os Problemas Epistemológicos da Sociologia do Conhecimento*; segundo o autor, notamos que: “A Sociologia do Conhecimento tem por objetivo identificar, conhecer, explicar e validar os nexos existentes entre as ‘condições sociais’ posicionadas historicamente, e as produções culturais de atores individuais e coletivos oriundas da interação de conteúdos cognitivos desses atores com a própria realidade coletiva (tipos de instituição, crenças, doutrinas, racionalidades sociais). Neste sentido, estaríamos diante da categoria conceitual denominada ‘interatividade’ ou, como preferem correntes pós-estruturalistas, reflexividade do conhecimento, ou seja, o conhecimento do conhecimento. É desta forma que a Sociologia do Conhecimento tem sido legitimada como ramo da própria Sociologia” (JÚNIOR, 2002, p. 115 - 116).

estudos que a levam em consideração<sup>38</sup>. As principais discussões desses autores acerca da Sociologia do Conhecimento e seus novos dilemas na contemporaneidade vão ao encontro da necessidade de deslocar dessa cátedra do pensamento sociológico os vínculos que ela passou a ter, principalmente depois dos trabalhos de Robert Merton, com o estudo único da própria ciência como instituição social, política, cultural ou econômica; ou ainda, com a difícil relação ou disputa entre a Sociologia do Conhecimento e a Epistemologia<sup>39</sup>. Há uma gama significativa de discussões sobre a Sociologia do Conhecimento acerca das várias possibilidades e impossibilidades de sua adoção em trabalhos científicos que possuem a finalidade de compreender tanto trajetórias intelectuais, quanto de pensamentos, teorias e conceitualizações. O mais interessante é que por mais que os limites da Sociologia do Conhecimento sejam postos em evidência em relação à Epistemologia (busca pela veracidade do conhecimento), muitos autores salientam que a grande contribuição deste campo do pensamento sociológico vincula-se aos estudos sobre a formação e o desenvolvimento de um dado conhecimento e a primazia fundamental entre contextos históricos e de produção com a própria constituição das ideias. Como afirma Enno Dagoberto Liedke Filho, a Sociologia do Conhecimento, em linhas gerais:

É o ramo da Sociologia que estuda a relação entre pensamento e sociedade. Ela está preocupada com as condições sociais e existenciais do conhecimento. Estudiosos desse campo, longe de ficarem restritos à análise sociológica da esfera cognitiva, como o termo poderia implicar, têm se dedicado a análise de toda a gama de produtos intelectuais – filosofia e ideologia, doutrinas políticas e pensamentos teológicos. Em todas essas áreas, a sociologia do conhecimento tenta relacionar as ideias que constituem seu foco de estudo ao contexto sócio histórico em que são produzidas e recebidas (FILHO, 2003, p. 231).

Nesse sentido, claramente podemos deduzir, que o caminho lançado pela Sociologia do Conhecimento que pode auxiliar fundamentalmente na realização de determinadas pesquisas conectadas com o problema da constituição do conhecimento é o da análise, do entendimento e da articulação entre os períodos históricos nos quais dados atores estavam localizados no

<sup>38</sup> David Bloor (*Conhecimento e Imaginário Social* [2008]), Léo Rodrigues Júnior (*Karl Mannheim e os problemas epistemológicos da Sociologia do Conhecimento – É Possível uma solução construtiva* [2002]) e Emilio Lamo de Espinosa (*La Sociología del Conocimiento de la Ciencia*. [1994]) são exemplos de autores e buscam trazer algumas contribuições para o debate desta questão.

<sup>39</sup> Nesse sentido, notamos que a *Sociologia do Conhecimento* coloca, por um lado, o problema da gênese social do conhecimento e, por outro lado, a Epistemologia, evidencia o problema da validade científica desse conhecimento. Contudo, há algumas críticas em relação a esta oposição. Segundo Léo Rodrigues Júnior, se o conhecimento, como afirma a Sociologia do Conhecimento: “tem a sua gênese a partir de nexos existentes entre as condições sociais, posicionadas historicamente, e as produções culturais de atores individuais e coletivos, então, devemos admitir que diferentes contextos sociais gerariam diferentes conhecimentos e, conseqüentemente, que tais conhecimentos somente teriam sua validade assegurada em determinadas condições sociais. Isso nos levaria a conceber a existência de conhecimentos apenas particularizados, atomizados, e a considerar que todo o conhecimento estaria inevitavelmente vinculado a uma forma sociais impossibilitando a construção de uma verdade única”, a qual, por vezes é postulada por uma epistemologia de cunho mais filosófico (JÚNIOR, 2002, p. 117).



momento em que constituíam suas ideias. Mas, para além da pura análise histórica e contextual destes períodos, o que também nos parece ser de extrema importância para estas pesquisas relaciona-se com o entendimento dos cenários intelectuais, ou dos contextos de produção, nos quais estes mesmos atores estavam imersos.

As dimensões práticas de pesquisa impostas pela *Sociologia do Conhecimento*, como já mencionamos, não são colocadas e discutidas de maneira clara pelos autores por nós analisados. Ou seja, não há uma contundente argumentação ou evidenciação de cunho prático para os estudiosos que se interessam por esse ramo do conhecimento; por exemplo, não há referências de práticas e técnicas de pesquisa ligadas a análise documental, biográfica, bibliográfica, histórica, contextual ou de trabalho em acervo, museus e fundações que fundamentem o contato prático do pesquisador com seus objetos e recursos de investigação e que sejam amplamente articuladas aos preceitos da Sociologia do Conhecimento. No entanto, para atingir o entendimento daquilo que esse campo do pensamento sociológico prima como essencial (inter-relação entre contexto histórico e de produção com a constituição do conhecimento), subtede-se que as possíveis práticas de pesquisa necessárias aos pesquisadores sejam estas que acabamos de mencionar.

Nesse sentido e evidenciando de modo exemplificativo o processo de realização de nossa pesquisa, além da análise puramente histórica e contextual dos dois autores por nós pesquisados, realizamos neste estudo um importante trabalho no acervo presente no *Museu Casa de Oliveira Vianna*. O objetivo dessa ida ao museu foi, em primeiro lugar, mapear no acervo do sociólogo niteroiense quais as obras de Émile Durkheim que ali estavam presentes e que foram lidas, marcadas ou anotadas pelo intelectual brasileiro; constituindo assim, algumas pistas e caminhos para entendermos com mais propriedade qual a peculiaridade dos usos conceituais e teóricos feitos por Oliveira Vianna em relação ao pensamento durkheimiano. Em segundo lugar, essa atividade de pesquisa desenvolvida no acervo do intelectual brasileiro também possibilitou a compreensão de parte da trajetória intelectual do autor. Levando em consideração a percepção que tivemos em loco, a qual estava guiada principalmente pelo nosso objeto de pesquisa, notamos que boa parte dos manuais introdutórios (muito utilizados por intelectuais na época) ali presentes eram de origem francesa e parcela significativa dos mesmos tinham como recurso explicativo as conceitualizações de Émile Durkheim. Ou seja, esse contato com o acervo de Oliveira Vianna foi relevante para dimensionarmos o contexto de produção no qual o pensador brasileiro estava situado. Dessa maneira, tivemos a oportunidade de apreender quais as correntes



de pensamento que possuíam uma maior disseminação no cenário intelectual do sociólogo brasileiro.

Especificamente no caso de nossa pesquisa, para entendermos esse contexto de produção foi necessário buscar a compreensão do modo como algumas ideias estrangeiras foram recebidas em nosso país e quais os meios que fizeram com que elas chegassem ao Brasil. Por exemplo, qual a implicação inerente ao fato de as principais ideias de autores estrangeiros utilizadas no Brasil no Século XIX e início do Século XX terem sido acessadas, por grandes autores de nosso Pensamento Social e Político desse período, através de manuais gerais de sociologia, de método sociológico, de solidariedade, de corporativismo, de psicologia social, de cultura ou de antropologia social? Como este tema não é algo distante de muitas preocupações inerentes a vários trabalhos brasileiros atentos à recepção de ideias em nosso país, podemos evidenciar algumas explicações sobre esta questão. Segundo Simone Meucci, os manuais introdutórios foram frequentemente utilizados por intelectuais brasileiros no início do Século XX. Devido à dificuldade de se obter as obras diretas/originais de autores estrangeiros, muitos de nossos pensadores desse período recorriam a esta alternativa; segundo a própria autora, dentre os intelectuais estrangeiros da escola francesa que mais foram traduzidos e reproduzidos em manuais introdutórios destacou-se Émile Durkheim:

O mais representativo e o mais influente sociólogo membro dessa 'escola' é certamente Émile Durkheim, cujas contribuições ocupam as páginas de muitos de nossos manuais. Especialmente os livros '*Sociologia Criminal*' (1915) de Paulo Egydio Carvalho, '*Princípios de Sociologia*' (1935) de Fernando de Azevedo, '*O que é sociologia*' (1935) de Rodrigues Meréje, e '*Sociologia Educacional*' (1940) de Fernando de Azevedo são importantes veículos divulgadores das ideias de Durkheim. Seus autores pretendiam, por meio da difusão dos conceitos e das investigações do sociólogo francês, legitimar a sociologia em nosso meio intelectual<sup>40</sup> (MEUCCI, 2001, p. 127).

Márcio Sérgio Batista Silveira de Oliveira também atenta para o fato de que a introdução de alguns autores estrangeiros em nosso país – fundamentais para a construção do campo

<sup>40</sup> Falando diretamente do acervo de Oliveira Vianna, e problematizando também o fato de que não foram somente os manuais os principais meios utilizados pelos intelectuais brasileiros durante o Século XIX e início do Século XX, Gisele Martins Venancio evidencia que houve, especificamente no caso do intelectual fluminense, o acesso a ideias e a autores de maneira direta, ou seja, através das obras originais de determinados pensadores estrangeiros; nesse sentido, também notamos que a historiadora destaca Émile Durkheim e alguns de seus seguidores como importantes no contexto de produção de Oliveira Vianna: "Mas foi o último dos três, Émile Durkheim, o mais bem sucedido na tentativa de criar uma equipe de intelectuais em torno de seu projeto. Em 1896 criou a revista *L'Année Sociologique* na qual participavam Marcel Mauss, Maurice Halbwachs, Célestin Bouglé, François Simmiand e Paul Fauconnet, entre outros. O grupo em torno desse periódico foi, por cerca de 20 anos, o mais importante da sociologia francesa. A biblioteca de Vianna possuía, além dos livros dos autores já citados, uma coleção da revista *Année Sociologique*, composta dos números 1 a 12, correspondente aos anos de 1896 a 1924, o que demonstra a sua atualidade em relação ao que se produzia nos meios intelectuais franceses, mais especificamente no campo dos estudos sociológicos" (VANANCIO, 2003, p. 164 – 165).

sociológico no Brasil – foi realizada e dinamizada através da utilização de manuais gerais de Sociologia; falando especificamente de Émile Durkheim, ele afirma que:

A relação desses livros indica, de certa forma, a própria recepção da obra de Durkheim no Brasil. A obra foi inicialmente introduzida no campo do Direito, frequentou grande número de “manuais de Sociologia” e desempenhou papel crucial no processo de implantação da Sociologia como disciplina científica e universitária (particularmente na Universidade de São Paulo) (OLIVEIRA, 2009, p. 1).

O mais interessante das afirmações supracitadas de ambos os autores acerca da introdução de Émile Durkheim no Brasil via Manuais de Sociologia no campo de Direito é justamente a possibilidade de inferirmos que Oliveira Vianna tenha entrado muito cedo, durante sua formação superior, em contato com determinadas ideias durkheimianas. Afinal, sabemos que formação acadêmica do pensador brasileiro foi realizada no campo do Direito. Oliveira Vianna bacharelou-se em Direito em 1905 pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (TÔRRES, 1956, p. 26 – 32).

Observando o acervo de Oliveira Vianna, podemos claramente perceber que houve, por parte deste estudioso, uma mescla de obras originais de grandes autores da Sociologia<sup>41</sup> com uma gama significativa de obras introdutórias dos mais diferentes tipos e temáticas, ou ainda, de manuais gerais de Sociologia. Dentre eles, e especificamente relacionado ao nosso objeto de pesquisa, podemos destacar algumas obras originais de Comte, Le Play, Ratzel, Halbwachs e Durkheim. De Émile Durkheim, as obras originais encontradas foram: *De la Division du Travail Social* (6ª Ed. Paris – LABRAIRE FÉLIX ALCAN, 1932), *Les Règles de la Méthode Sociologique* (9ª Ed. Paris – LIBRAIRIE FÉLIX ALCAN, VI, 1938) e *La Division del Trabajo Social* (1ª Ed, Tradução Carlos G. Posada, Madrid Daniel Jorro Editor, 1928). A presença de manuais introdutórios de diversas áreas é significativa no acervo de Oliveira Vianna, sendo assim, podemos elencar as seguintes obras: *Grandes Sociólogos Modernos: Durkheim* (1945)<sup>42</sup>; *Introduction à la Méthode Sociologique* (1923)<sup>43</sup>; *Introduction à la Sociologie* (1936)<sup>44</sup>; *La Solidarité Sociale ses causes, son évolution, ses conséquences* (1907)<sup>45</sup>; *Manual de Sociologia* (1942)<sup>46</sup>; *Manuel d'anthropologie culturelle* (1936)<sup>47</sup>;

<sup>41</sup> A maioria desses autores, como se pode ver nas obras e manuais por nós encontrados, é francesa.

<sup>42</sup> ALPERT, Harry. **Grandes Sociólogos Modernos Durkheim**. 1ª Ed. Trad. José Medina Echavarría. Pánuco FONDO DE CULTURA ECONOMICA, 1945.

<sup>43</sup> BUREAU, Paul. **Introduction à la Méthode Sociologique**. Paris Librairie Bloud & Gay, 1923.

<sup>44</sup> CUVILLIER, A. **Introduction à la Sociologie**. Paris Librairie Armand Colin, 1936.

<sup>45</sup> DUPRAT, G. L. **La Solidarité Sociale ses causes, son évolution, ses conséquences**. Paris Octave Doin, Éditeur, 1907.

<sup>46</sup> GINSBERG, Morris. **Manual de Sociologia**. Buenos Aires Editorial Losada, S. A, 1942.

<sup>47</sup> LOWIE, Robert. **Manuel d'anthropologie culturelle**. Paris Payot, 1936.

*Sociologia* (1908)<sup>48</sup>; *Essais Sur Le Corporatisme* (1936)<sup>49</sup>; *Introdução à Psychologia Social* (1936)<sup>50</sup>; e *Outline of the Principles of Sociology* (1939)<sup>51</sup>.

Como é perceptível, nos dirigimos ao acervo do *Museu Casa de Oliveira Vianna* claramente orientados por nossos problemas e objetivos de pesquisa, dessa forma, conseguimos delinear e rastrear uma gama significativa de obras que demonstravam alguns vínculos entre o intelectual brasileiro e o sociólogo francês, constituindo assim, ao menos uma parcela do contexto de produção no qual o intelectual brasileiro estava imerso. Assim, podemos sugerir que essa investigação evidenciou com um pouco mais de propriedade quais são as ligações teóricas existentes entre Émile Durkheim e Oliveira Vianna, ou ainda, qual é propriedade e a especificidade das mesmas.

Nossa pesquisa teve como horizonte o entendimento dos vínculos existentes entre o pensamento de Oliveira Vianna e as teorizações de Émile Durkheim naquilo que concerne as utilizações de alguns conceitos, noções e concepções durkheimianas feitas pelo sociólogo brasileiro, quais sejam: os conceitos de Solidariedade, Consciência Coletiva e Morfologia Social, a noção de Estado e a concepção de Corporativismo. Tendo isso em vista é que tivemos a oportunidade de consultar uma extensa bibliografia estrangeira no acervo do autor que resguardava alguma relação com os conceitos e noções anteriormente mencionados. Em um primeiro momento pensamos em ampliar as possibilidades e investigarmos os vínculos de Oliveira Vianna com outros autores acerca dessas mesmas noções e conceitualizações. Contudo, por mais que a pesquisa no museu tenha nos aberto um leque de possibilidades acerca da busca de novos objetivos ou até mesmo de novas direções analíticas, focamos nossos estudos apenas nos materiais coletados por nós que tinham uma efetiva relação com o pensamento durkheimiano. Ou seja, por mais que houvesse uma amplitude de autores expostos nos manuais por nós analisados, buscamos filtrar, por exemplo, as marcações de Oliveira Vianna que tinham ligações diretas ou indiretas com Émile Durkheim. Para facilitar a leitura e o entendimento de nosso trabalho nós dispusemos alguns anexos, na versão textual de nossa pesquisa (a dissertação), com todas as marcações de Oliveira Vianna acerca do pensamento durkheimiano que consultamos e utilizamos em nossas atividades.

<sup>48</sup>PALANTE, G. **Sociologia**. Trad. Agostinho Fortes. Lisboa Empreza do Almanach Eneyelopedico Ilustrado, 1908.

<sup>49</sup>PIROU, Gaetan. **Essais Sur Le Corporatisme**. Paris Libraire Du Recueil Sirey, 1936.

<sup>50</sup>RAMOS, Arthur. **Introdução à Psychologia Social**. Rio de Janeiro Livraria José Olympio, 1936.

<sup>51</sup>SMITH, Samuel. **An Outline of the Principles of Sociology**. New York Barnes & Noble, Inc, 1939.

Nossa pesquisa no *Museu Casa de Oliveira Vianna* foi realizada levando em consideração a possibilidade de apreendermos concretamente os vínculos existentes entre o pensamento de Oliveira Vianna e a teoria durkheimiana. Nesse sentido, ao passo que iniciamos nossos trabalhos no acervo do sociólogo brasileiro, priorizamos as obras de Émile Durkheim ali presentes assim como os manuais introdutórios, sejam os de Sociologia, sejam os de temas mais específicos, tais como as obras dedicadas a apresentar e discutir os conceitos de Corporativismo e de Solidariedade Social. O trabalho desenvolvido no museu nos legou algumas relevantes comprovações e surpresas para a pesquisa. Uma importante constatação vincula-se ao fato de que os manuais introdutórios de Sociologia, segundo o que observamos, configuraram-se como a mais relevante porta de acesso pela qual Oliveira Vianna entrou em contato com conceitos, ideias e perspectivas sociológicas durkheimianas. Obras de Émile Durkheim presentes no acervo são apenas três, duas edições de *A Divisão do Trabalho Social* e uma de *As Regras do Método Sociológico*. Em contrapartida, analisamos seis manuais de sociologia com marcações do jurista brasileiro que traduziam a necessidade de Vianna mensurar algum significado ou entendimento acerca de conceitos e de ideias inerentes o pensamento do sociólogo francês.

Já uma surpresa, não muito positiva, ligou-se a própria dinâmica que tivemos que adotar no trabalho de campo e as limitações que ela causou em nossa pesquisa. A maneira mais adequada de realizarmos nosso trabalho foi a de escanear as obras que nos interessava e que estavam presentes no acervo, para assim, encontrar marcações e principalmente anotação de Oliveira Vianna acerca de Émile Durkheim e de seu pensamento. Acreditamos que essa tarefa não foi realizada com muito êxito, pois o método de estudo adotado por Oliveira Vianna não levava em consideração anotações sistemáticas e exclusivas nas obras dos autores por ele consultados (marginárias). Ele utilizava um método de estudo que consistia na marcação<sup>52</sup> das obras assim como, na maioria das vezes, na anotação de observações em pequenos papéis, denominados pela bibliotecária e responsável pelo acervo do museu de *papagaios*<sup>53</sup>, que eram colocados no meio das obras consultadas por Oliveira Vianna de acordo com a passagem a que eles faziam referência. O grande problema é que estes papagaios escritos pelo jurista fluminense, certamente repletos de informações acerca do itinerário intelectual por ele assumido e de suas escolhas conceituais e

<sup>52</sup> Sublinhar e destacar algumas passagens nas próprias obras lidas.

<sup>53</sup> Essa descoberta foi realizada por nós no momento em que estávamos escaneando um dos manuais de Psicologia Social lidos por Oliveira Vianna e lá encontramos dois dos milhares papagaios confeccionados pelo autor que ainda não tinham, assim como os outros onze mil, sido retirados do interior das obras inerentes ao acervo do sociólogo brasileiro.

teóricas, foram retirados quase que de todas as obras lidas pelo intelectual brasileiro; restando-nos assim, muitas marcações e eventuais e ilegíveis anotações que Oliveira Vianna realizava nas obras por ele estudadas. Atualmente, estes papagaios encontram-se guardados e distantes dos locais nos quais de fato eles deveriam estar. A impossibilidade de colocá-los em seus lugares de origem é certa<sup>54</sup>. Não é o caso exemplificar aqui quais poderiam ser os grandes problemas gerados por esse procedimento adotado pelo museu na realização de determinadas pesquisas. Afinal, nosso trabalho, as dificuldades de nossa pesquisa e algumas de suas limitações analíticas já são expressão deste problema.

Outro exemplo de limitação analítica e interpretativa que enfrentamos vincula-se com as marcações de Oliveira Vianna. Nesse sentido, o que significam essas marcações (parágrafos ou frases sublinhados pelo intelectual brasileiro)? Ou melhor, essas marcações, ao passo que não estão acompanhadas de nenhuma observação ou anotação do pensador fluminense, podem significar o que para nossa pesquisa e nossas averiguações? São elas legítimas como fonte e material analítico para as nossas investigações e, principalmente, comparações? Diante destas inquietações, a saída encontrada por nós foi a de verificar quais os conteúdos destas marcações e estabelecer conexões entre eles e determinadas ideias e teorizações presentes nas obras de Oliveira Vianna por nós analisadas. No mínimo, o que podemos apreender do conteúdo que foi marcado e assinalado de alguma forma pelo sociólogo niteroiense é que houve por parte dele uma curiosidade sobre determinado pensamento ou conceito; que houve a necessidade dele compreender melhor dado assunto ou questão; ou ainda, que as marcações por parte do autor podem assinalar a sua intenção de articular um dado conteúdo ali encontrado com as suas análises e ideias futuras, presentes em suas obras, acerca do Brasil, sua formação e suas especificidades.

---

<sup>54</sup> Não há nesses papagaios a referência da obra a que eles pertenciam (número de página, autor, ano, título, etc.). Se voltar a eles seria uma possibilidade se os mesmos não fossem milhares de pequenos papéis misturados (embaralhados) sem respeitar nenhuma forma de ordenação. Diante deste fato, não seria só a difícil, ou também “pavorosa” como descreve André Veiga Bittencourt, letra de Oliveira Vianna o empecilho para a análise desses papagaios. Consultá-los um por um e vinculá-los de maneira certa a determinadas obras exigiria um conhecimento profundo dos trabalhos presentes no acervo do intelectual fluminense, um tempo imenso e, principalmente, sorte. Segundo as bibliotecárias do *Museu Casa de Oliveira Vianna*, assim como alguns membros de sua equipe técnica, a retirada dos papagaios das obras com as quais estavam vinculados foi necessária para a preservação de determinados livros presentes no acervo do pensador niteroiense. Todavia, vale ressaltar, que essa mesma atividade poderia ter sido desenvolvida de maneira mais acertada se os papagaios fossem recolhidos dos livros lidos por Oliveira Vianna e, de alguma forma, separados, classificados e marcados respeitando suas origens, ou seja, as obras em que estavam inseridos e as páginas as quais eles faziam referência.

O número de manuais introdutórios de diversas áreas do conhecimento presente no acervo de Oliveira Vianna é significativamente grande. Dessa forma, não conseguimos rastrear através de nossa pesquisa a presença de Émile Durkheim<sup>55</sup> em todos esses trabalhos. Todavia, a partir do momento que delimitamos nossas buscas aos manuais de Sociologia e às obras que tratavam pontualmente de algum dos eixos conceituais que acreditávamos unir o pensamento de ambos os autores, tivemos boas descobertas. Para realizarmos a análise dos manuais consultados, edificamos uma classificação dos mesmos. De modo geral, os mesmos podem ser definidos e organizados em quatro tipologias distintas, são elas:

- TIPO I – Manuais Gerais de Sociologia: obras abrangentes que pretendem apresentar a Sociologia como uma nova área do conhecimento assim como seus principais autores e seus respectivos pensamentos (apresentação das perspectivas teóricas, das propostas metodológicas e dos principais conceitos daqueles que são vistos como os expoentes ou fundadores da Sociologia);
- TIPO II – Manuais direcionados à compreensão do pensamento de um único autor: textos analíticos e interpretativos acerca das teorizações, das conceitualizações e das principais ideias de um autor específico, por vezes, tais obras trazem um conteúdo contextual e biográfico inerente ao pensador ali estudado ou apresentado;
- TIPO III – Manuais voltados ao entendimento de um único conceito: são aqueles trabalhos que tratam dos fundamentos históricos e teóricos de um único conceito, ou seja, estudos que almejam informar, por exemplo, quais os alicerces do conceito de Solidariedade Social ou da noção de Corporativismo; vale destacar que, por conta de estarem voltados a um único tema, tais manuais elegem uma gama variada de pensadores e estudiosos que de alguma forma interpretam e definem estas categorias;
- TIPO IV – Manuais introdutórios de outras áreas do conhecimento (Humanidades) ou multidisciplinares: na maioria das vezes, são manuais de Antropologia e Psicologia Social

<sup>55</sup> Émile Durkheim foi um autor que estudou alguns objetos de pesquisa (educação, direito, trabalho, cultura, povos tradicionais, modernidade, religião, estado, etc.) circunscritos a determinados campos de estudo que tocavam, tangencialmente ou efetivamente, diferentes áreas das Ciências Humanas, são alguns exemplos: Sociologia, Economia, Ciência Política, Psicologia Social, Antropologia, etc. Nesse sentido, acreditávamos na possibilidade da transposição, contundente ou não, do pensamento durkheimiano a tais obras. Por isso que ficamos, em um primeiro momento, tentados em rastrear a presença do sociólogo francês nestes manuais relativamente distantes do campo sociológico.



que de alguma forma articulam, em meio as suas discussões, algumas teorias ou ideias inerentes à Sociologia Geral ou a diferentes áreas do conhecimento.

Outra relevante dimensão de nossa pesquisa liga-se com a análise bibliográfica que edificamos neste trabalho e com a escolha dos textos dos autores estudados por nós. Em relação às obras durkheimianas, notamos que suas escolhas são naturalmente justificadas: elas foram selecionadas de acordo com os temas tratados nos diferentes momentos de nossa pesquisa. Ou seja, se estivermos falando de consciência coletiva ou de solidariedade, por exemplo, trabalhamos principalmente com a obra *Da Divisão do Trabalho Social* [1893] justamente por ser este o estudo em que o intelectual francês mais se dedicou ao entendimento e explicação destes conceitos<sup>56</sup>. Além disso, em alguns momentos, acessamos determinados comentadores, tanto de Émile Durkheim quanto de Oliveira Vianna, para sinalizar, com mais clareza, aquilo que estávamos tentando evidenciar com nossa interpretação. Contudo, estes comentadores possuem um papel coadjuvante perto das citações e das palavras originais dos autores que estão sendo estudados por nós. As obras que selecionamos de Oliveira Vianna foram *Populações Meridionais do Brasil* [1920] e *Instituições Políticas Brasileiras* [1949].

O primeiro motivo para esta escolha reflete uma percepção que temos, qual seja: há nessas obras, diferentemente de outras, uma maior utilização por parte de Oliveira Vianna dos conceitos e noções que acreditamos representar os nexos e as ligações entre as teorizações do intelectual brasileiro e o pensamento de Émile Durkheim. O segundo motivo se deu pela relevância destes dois trabalhos no pensamento do sociólogo fluminense. Acreditamos que elas, respectivamente, inauguram e fecham o pensamento de Oliveira Vianna. *Populações Meridionais do Brasil* [1920] define em nosso Pensamento Social e Político, além de uma nova agenda de preocupações acerca das implicações de nosso tipo único de formação, uma linhagem teórico-interpretativa que reverberou, e ainda reverbera, em muitos estudos sobre o Brasil (idealismo orgânico). E *Instituições Políticas Brasileiras* [1949] congrega, de maneira bem amarrada, as principais ideias do intelectual niteroiense oriundas dos seus vários estudos sobre o Brasil e sua formação; sobre o Brasil Império; sobre o Brasil e seus desafios frente ao desenvolvimento e à modernidade; sobre o Brasil e suas leis, em especial as promulgadas em nossa Primeira Constituição Republicana (1891); sobre o Brasil e sua Administração Pública.

---

<sup>56</sup> Além disso, a escolha dessas obras se dá pelo fato de que elas são expressões explícitas de um esforço do sociólogo francês em definir e significar especificamente alguns conceitos e noções investigados por nós. Dessa forma, se estivermos falando, por exemplo, da noção de Estado do intelectual francês, utilizaremos a obra *Lições de Sociologia* [1912].



De modo particular e com pouca expressividade em termos quantitativos em nossa pesquisa, também selecionamos e utilizamos a obra *Problemas de Organização e Problemas de Direção* [1952] de Oliveira Vianna. Fizemos isso porque tanto *Populações Meridionais do Brasil* [1920] como *Instituições Políticas Brasileiras* [1949] não possuem referências suficientes da visão do intelectual brasileiro acerca das noções de Estado Corporativo e de Corporativismo. Acreditamos que recorrer a essa obra foi de fundamental importância para desenvolvermos com mais propriedade o tópico de nossa pesquisa dedicado à exposição dos vínculos teóricos entre o intelectual brasileiro e Émile Durkheim no que concerne a noção de corporativismo. Em relação a estes textos por nós selecionados para a realização de nossa pesquisa uma importante questão ainda deve ser evidenciada: qual foi o tipo de tratamento dado às obras por nós lidas, analisadas, interpretadas e, por vezes, comparadas? Ou seja, qual o tipo de leitura que poderíamos realizar sobre esses materiais que garantiria uma melhor interpretação e assimilação de suas ideias e de seus conteúdos?

Nesse sentido, a difícil tarefa de assimilar um determinado conteúdo de modo preciso e transmiti-lo para o outro (leitor) requer algumas preocupações que têm como fundo maior o tipo de leitura que se faz, afinal, é ela que garante um maior domínio acerca das ideias que se quer transmitir. Segundo Paulo Salles de Oliveira na *Apresentação* da obra denominada *Metodologia das Ciências Sociais* notamos:

É fundamental o trabalho de reconstruir com nossa imaginação o itinerário de construção do pensamento do outro, tratando de não desfigurá-lo. É um encaminhamento de trabalho que respeita a integridade do todo e que, portanto, relativiza o pinçar fragmentado de partes, a compreensão apressada ou mesmo a leitura exterior, que pede ao texto categorias e desenvolvimento que ele nunca poderia ter, pois jamais fizeram parte dos horizontes do autor que o concebeu. (OLIVEIRA, 1998, p. 26).

Reconstituir o pensamento do outro de modo a assimilá-lo profundamente:

Supõe ultrapassar muitas práticas enviesadas, tais como: ler de modo exterior, sem se importar em distinguir as particularidades do texto em si; ler pinçando o que interessa, segundo a conveniência do (muito descuidado) leitor; ler de maneira fragmentária, sem recompor o encadeamento das ideias pelas quais um autor constrói seu pensar; ler um texto usando lentes e referenciais estranhos ao autor que o concebeu. (OLIVEIRA, 1998, p. 25)

Respeitar trabalhos já edificados e os seus respectivos conteúdos não está ligado a moldá-los na forma de perspectivas individuais, desconfigurá-los implantando informações que ali não estão presentes, mas sim em colocar ao máximo em evidência as ideias que ali já existem. Essa perspectiva fica mais nítida quando lemos as palavras de Marilena Chauí citadas por Paulo de Salles Oliveira: “Ler” – prossegue ela em outra formulação – “é aprender a pensar na esteira

deixada pelo pensamento do outro. Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão” (OLIVEIRA, 1998, p. 25). Essa preocupação acerca da não implantação de ideias (cobrar do texto categorias e desenvolvimentos que ele nunca poderia ter justamente porque eles jamais fizeram parte dos horizontes do autor que o concebeu) por parte do leitor é uma das mais importantes questões para os trabalhos que buscam comparar e relacionar as ideias e as teorizações de diferentes autores. No nosso caso, a ansiedade gerada pela vontade de responder nossos objetivos de pesquisa poderia nos levar à realização de uma leitura apressada acerca do pensamento de Oliveira Vianna e cobrar do mesmo algumas categorias durkheimianas que ali não estão presentes. Ou ainda, essa mesma vontade poderia fazer com que fôssemos imprecisos em relação ao pensamento durkheimiano, ajustando-o a nossa vontade, mesmo às vezes ele não tendo uma compatibilidade ou vínculo com dadas teorizações de Oliveira Vianna. Acreditamos que todo o cuidado circunscrito à leitura dos conteúdos analisados é pouco. Dessa forma, as palavras de Paulo Salles de Oliveira já se apresentam como um bom caminho a ser seguido na realização de trabalhos que necessitam de análises bibliográficas<sup>57</sup>.

Outra importante etapa de nossa pesquisa, talvez a mais inspirada pelos pressupostos metodológicos lançados pela Sociologia do Conhecimento, ligou-se com a necessidade de articular os contextos históricos ao pensamento e às conceitualizações dos autores estudados. Sendo assim, no capítulo dois de nossa pesquisa, intitulado de *Contextos & Conceitos: Émile Durkheim e Oliveira Vianna Dialogando com seus Tempos*, buscamos compreender como os diferentes contextos nos quais ambos os autores estavam inseridos e a interpretação que estes pensadores tinham sobre eles possibilitava uma interessante aproximação entre Émile Durkheim e Oliveira Vianna; assim, notamos a possibilidade de relacionar o pensamento destes intelectuais levando em consideração algumas pistas extrateóricas. A grande inspiração para a realização dessa tarefa foi o preceito fundamental da Sociologia do Conhecimento, qual seja, a importante relação entre o sujeito do conhecimento e seu contexto histórico. Dessa forma, notamos que ambos os estudiosos, ao passo que interpretam suas realidades, realizam diagnósticos parecidos. Ou seja, enxergam em suas realidades processos de desintegração, rupturas e instabilidades, possibilitando assim, que Oliveira Vianna fizesse uso de alguns conceitos durkheimianos para edificar sua compreensão sobre o Brasil e sua formação.

<sup>57</sup> E para se realizar uma pesquisa efetivamente respeitosa para com o pensamento do outro, acreditamos em uma postura de pesquisador na qual ele tem que realizar o esforço de: “se assumir como artesão pertinaz, paciente, atento, sensível e, ao mesmo tempo, despretenso, zelador do consórcio entre teoria e prática, reservando exemplos probantes a cada movimento importante de sua reflexão.” (OLIVEIRA, 1988, p. 20).

Nesse sentido, é válido indagar: quais as aproximações extrateóricas que nos ajudam a compreender uma ligação ou aproximação entre Émile Durkheim e Oliveira Vianna? Sendo assim, analisamos as especificidades históricas destes períodos. Ou seja, um delineamento geral das condições históricas, sociais e políticas de tais épocas. Dessa maneira, não retiraremos do nosso horizonte o entendimento das noções e dos conceitos que até então afirmamos querer compreender. Mostramos, dentre outras coisas, que a utilização do conceito de Solidariedade Social e da noção de Estado realizada por ambos os autores representa uma extensão da interpretação que eles resguardam das realidades de que faziam parte. Ou seja, defendemos que por mais que os acontecimentos, contextos e realidades históricas de ambos os autores sejam diferenciadas, notamos que boa parte das *respostas* a serem dadas por eles para os problemas existente em suas sociedades eram parecidas; possibilitando assim, no caso de Oliveira Vianna, por exemplo, a utilização do conceito de Solidariedade Social para a compreensão da realidade brasileira com o sentido ou o significado durkheimiano que esta categoria possui. Não podemos esquecer que ambos os autores acreditam em um projeto político corporativista; nesse sentido, vale indagar, como realidades e contextos tão diferenciados, inclusive com alguns problemas e demandas diferenciadas, fazem com que ambos os autores acreditem em um mesmo projeto político (tipo de estado)? É precisamente essa pergunta que buscamos responder ao final deste capítulo.

O período histórico no qual Émile Durkheim produziu a maioria de seus grandes estudos liga-se amplamente a conhecida III República Francesa<sup>58</sup>. A interpretação que muitos comentadores realizam da relação entre estes períodos de grandes transformações vividos pela França e a influência que eles tiveram no pensamento durkheimiano é aquela que tende a colocar o autor com um defensor da ordem em detrimento das mazelas geradas pelas guerras e revoluções até então experimentadas por seu país (violência, fome, desestruturação econômica, social e política, etc.). Émile Durkheim vivenciou a Terceira República Francesa; o que pareceu ser, para o intelectual francês, um dos períodos mais oportunos para a reestruturação moral, social e

<sup>58</sup> De maneira geral, a história da França sofreu períodos revolucionários que desestabilizaram por completo as estruturas sociais, políticas, culturais e econômicas do país. Fazendo um recorte desde a Revolução Francesa até um pouco depois da morte de Émile Durkheim, notamos que o sociólogo francês foi herdeiro de uma época revolucionário e contemporâneo de um tempo de reconstrução. Da herança histórica do intelectual francês ao tempo no qual ele edificou sua teoria e pensamento, os principais acontecimentos foram: a Revolução Francesa de 1789; Primeiro Império de 1804 à 1814; Reinstauração da Monarquia de 1814 até 1830 (de Luís XVIII a Carlos X); As Revoluções de 1830 e 1848; A Segunda República de 1848 ao ano de 1852; O Segundo Império de 1852 até 1870; e, por fim, A Terceira República de 1870 à 1940, período no qual basicamente o sociólogo francês viveu a maioria dos anos de sua vida (Émile Durkheim nasceu em 15 de Abril de 1858 e faleceu em 15 de Novembro de 1917).

cultural de sua nação; para a unificação política de seu país; e para a estabilização econômica da sociedade da qual fazia parte. Para o pensador francês, isso foi de fundamental importância para o nascimento e o desenvolvimento da Sociologia. Afinal, a tarefa desse novo campo do conhecimento científico era justamente auxiliar na construção ordenada desse novo momento experimentado pela França. Adicionado a isso, o que percebemos é que a Sociologia, em especial a Sociologia Durkheimiana, nasce nesse período refletindo-o. Ora, não parece estranho crer que os conceitos inerentes ao pensamento durkheimiano também traduzissem essa questão. Utilizando essa nossa lente interpretativa, conseguimos contextualizar algumas características dos conceitos de Consciência Coletiva, Solidariedade Social, Morfologia Social e das noções de Estado e de Corporativismo inerentes ao pensamento durkheimiano, tornando-os assim, mais compreensíveis.

Uma importante questão que não podemos esquecer é que Émile Durkheim preocupava-se com o processo de modernização da sociedade francesa e esta questão impactou alguns de seus estudos. *A Divisão do Trabalho Social* [1893] é uma obra que traduz boa parte destas preocupações e é nela que o autor utiliza amplamente a noção de Solidariedade Social e suas duas variações (a Solidariedade Orgânica e a Solidariedade Mecânica). Essa perspectiva parece ser de fundamental relevância para entendermos os motivos pelos quais o intelectual francês acreditava que a educação tinha papel primordial para ampliar e levar a todos de uma dada coletividade as “grandes ideias morais de seu tempo e de seu país”, constituindo assim, o “cimento que solda a diversidade das partes e até mesmo elimina os conflitos sociais”. Nas palavras do pensador francês podemos perceber que:

A sociedade não pode viver sem que exista, entre seus membros, suficiente homogeneidade? A educação perpetua e reforça essa homogeneidade, fixando com antecedência, na alma da criança, as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe. De outra parte, porém, verifica-se que, sem certa diversidade, a cooperação é impossível? A educação assegura a persistência dessa diversidade necessária, apresentando ela própria diversidade e especialização. A educação consiste, pois, sob qualquer de seus aspectos numa socialização metódica de cada nova geração [1922] (DURKHEIM, 1972, p. 82).

Como nosso objeto de pesquisa vinculou-se justamente ao entendimento dos usos de conceitos e ideias durkheimianas realizados pelo intelectual brasileiro no momento em que ele constituiu uma teoria sobre o Brasil, o que questionamos foi: como é possível que conceitos intimamente ligados a uma realidade específica possam ser ajustados por Oliveira Vianna a uma realidade tão diferenciada quanto a existente no Brasil Colônia? A referência aqui é o Brasil Colônia pois acreditamos que foi este o período histórico, das obras de Oliveira Vianna analisadas por nós, que mais é estudado e interpretado pelo sociólogo brasileiro na busca da compreensão de nossa

formação e da realidade social, política e econômica do Brasil em que ele viveu. Além disso, não é errado afirmar que este momento de nosso país, segundo o intelectual fluminense, foi decisivo para fornecer e forjar quase que indelevelmente atributos à identidade do povo brasileiro, constituindo assim, um país que apresenta grande dificuldade em se modernizar.

Oliveira Vianna nasceu em 20 de Junho de 1883 e morreu em 28 de Março de 1951. Fazendo um recorte da história brasileira que apresente a maior parte dos anos vividos pelo autor, notamos que ele presenciou os seguintes acontecimentos da história de nossa nação: Primeira República (República do café com leite, Constituição liberal de 1891, coronelismo e o grande fortalecimento das oligarquias e elites locais) – 1889-1930 –; Primeiro Governo Vargas (A Revolução de 1930 e o Governo Provisório, O período Constitucional de Getúlio Vargas e O Estado Novo) – 1930-1945 –; e o Início da República Nova – 1945. Assim como Émile Durkheim, o intelectual brasileiro vivenciou um período de grandes e importantes mudanças sociais e políticas inerentes à realidade histórica vivida por ele. Em meio a estes momentos de nossa história que foram vivenciados por Oliveira Vianna, é interessante notar que o intelectual brasileiro considerava o Estado Novo como um momento de fundamental importância para desenvolver o país; ou seja, um momento propício para romper com as amarras coloniais e com o insolidarismo latente no Brasil que impediam nossa modernização<sup>59</sup>.

De modo geral, o sociólogo francês enxergava na Terceira República Francesa a possibilidade de unificação e reconstrução política, social, moral e econômica da França. De modo

---

<sup>59</sup> O período circunscrito ao primeiro Governo de Getúlio Vargas (1930-1945) inicia-se com fortes transformações originadas pela Revolução de 1930 e com a complexa tarefa de lidar com a ascensão das classes, a agudização da questão social, as tensões políticas e ideológicas (vide organização do campo comunista, do integralismo, da radicalização de experiências corporativistas) e a conformação de uma relação nova entre sociedade e Estado baseada no protagonismo deste último. Nesse período, houve o fortalecimento do papel e da função a serem exercidas pelas políticas públicas – em especial aquelas dirigidas à reorganização da vida pública no amplo arco das ações da matriz centralizadora associada ao modelo do Governo Vargas. Sendo assim, um projeto minimamente conformado se delineava tendo como amparo o arranjo do idealismo orgânico, ora pautado na ideia da inorganicidade da sociedade brasileira, como na tese de Vianna em *O idealismo da Constituição*, ora na percepção de que a sociedade civil não estaria apta, pela experiência oligárquica da I República e/ou pelo surgimento de uma teoria mais sólida sobre o atraso com bases no modelo econômico primário-exportador como obstáculo ao desenvolvimento nacional, a gerir a construção do futuro. Desta configuração e deste panorama contextual ressaltarão três consequências: a primeira é sobre a tarefa do Estado de orientar a mudança social, lembrando que as ferramentas mais estratégicas são dadas pela fixação de normas, leis e diretrizes; a segunda, de fazer essa reorganização da vida social com base em algum tipo de diagnóstico e, simultaneamente, de prognóstico (balizas inevitáveis às mudanças sociais); terceiro, o enfrentamento de questões percebidas como centrais nesse processo de transformação e modernização, fixada em um projeto nacional. Mesmo diante da centralização exacerbada do poder exercida por Getúlio Vargas e a utilização de medidas consideradas antidemocráticas, o Primeiro Governo Vargas legou ao Brasil importantes avanços, principalmente quando pensamos na construção de um Brasil moderno. É inegável que, ao passo que desmantelava poderes estaduais e fortalecia o governo central, o Presidente Getúlio Vargas e seu “staff” enfraqueciam em demasia as elites e as oligarquias locais existentes no Brasil (FONTANA; FERREZIN, 2014, p. 3 – 6).

mais ou menos semelhante, Oliveira Vianna enxergava o Primeiro Governo Vargas como um momento ímpar de nossa história; para o autor, dentre outras coisas, ele possibilitaria a unificação dos brasileiros e a edificação do equilíbrio e da ordem entre nós (ou seja, possibilitaria o fim da insolidariedade latente e da indistinção entre o público e o privado em nossa *mentalidade social* ou *consciência coletiva*), para que assim, a modernidade e o desenvolvimento fossem alcançados com mais rapidez e êxito: “Harmonia, integração social, equilíbrio, cooperação entre as classes são os temas dominantes no trato da questão social no Estado Novo. O ‘insolidarismo’ do nosso povo justificaria a intervenção estatal na organização do sindicato corporativo” (ARRUDA, 2007, p. 36).

Assim como era importante para Émile Durkheim a unificação efetiva da nação francesa para a manutenção da ordem em meio à modernização, segundo Oliveira Vianna, era fundamental acabar com os resquícios de nossa herança rural, forjando um tipo novo de solidariedade entre nós. Dessa forma, não por coincidência, ambos os autores enxergavam na proposta Corporativa de Estado a possibilidade de edificar ou alterar em suas sociedades/nações aquilo que julgam de extrema importância construir ou mudar, seja para alcançar a modernidade, seja para constituir uma estabilidade social, política ou econômica. De modo mais sistematizado, veja o quadro abaixo:

| <b>França – Terceira República (1870-1940)</b><br><br>Émile Durkheim                                                                                                                                                                                              | <b>Brasil – Primeira República fim do Primeiro Governo Vargas (1889-1945)</b><br><br>Oliveira Vianna                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Modernização francesa como algo a ser controlado;                                                                                                                                                                                                                 | Modernização brasileira como déficit a ser superado, mas de modo orientado;                                                                                                                                                                                                                     |
| Necessidade de se fomentar a solidariedade social (união) entre os homens em meio à modernidade (requisito fundamental à ordem e ao não esfacelamento social);                                                                                                    | A inexistência de uma solidariedade social e de uma consciência coletiva forte no Brasil (motivos principais do alto grau de desagregação social e política do Brasil);                                                                                                                         |
| Necessidade de uma instituição forte e reguladora capaz de coordenar o processo francês de modernização que, se não orientado, pode gerar profundos rompantes de desintegração social, política, econômica e cultural.                                            | A necessidade de uma instituição forte e reguladora capaz de orientar a modernização brasileira (concepção de Estado) de modo a resguardar os interesses de todos, promovendo assim, uma modernização com integração social, política, econômica e cultural no Brasil.                          |
| Considerando a relevância do trabalho na modernidade no que concerne a promoção de solidariedade social (orgânica), coloca-se como necessária a constituição de um Estado Corporativo capaz de integrar as classes trabalhadoras em um projeto político nacional. | Considerando a existência deficitária de classes trabalhadoras no Brasil e a relevância do trabalho regulado para a efetiva modernização de um país, coloca-se como necessária a constituição de um Estado Corporativo capaz de integrar as classes trabalhadoras ao projeto político nacional. |

Edificar uma pesquisa que leve em consideração os pressupostos metodológicos lançados pela Sociologia do Conhecimento não é uma tarefa fácil de realizar. E não é errado afirmar que esse problema tende a se dilatar ao passo que os estudiosos desse campo não buscam debater as dimensões e os desafios práticos, técnicos e operacionais inerentes a construção de um trabalho pautado na Sociologia do Conhecimento. Ou seja, as atividades e as ações necessárias para construir, expor e problematizar em um trabalho científico as interconexões entre os sujeitos do conhecimento, as ideias por eles produzidas e os contextos históricos e de produção nos quais eles estavam imersos.



É importante notarmos que não há um plano fechado de ações capaz de assegurar a confecção de trabalhos que consideram de alguma forma os pressupostos da Sociologia do Conhecimento. De fato, os desenhos de pesquisas e as atividades necessárias aos seus desenvolvimentos, principalmente àquelas atreladas ao nosso Pensamento Social e Político, dependerão grandemente das especificidades de seus objetos e de seus objetivos de pesquisa. Todavia, há a possibilidade de se construir um diálogo mais amplo acerca da realização de pesquisas que tratem em alguma medida de determinadas questões ligadas à constituição do conhecimento. Considerando essa percepção é que buscamos apresentar nesse texto os caminhos empreendidos na pesquisa de mestrado intitulada *A Presença de Émile Durkheim em Oliveira Vianna: Contribuições ao Pensamento Social e Político Brasileiro* que, por sua vez, preocupava-se de modo amplo com o problema da constituição e recepção de ideais e com o vínculo que elas estabelecem com os contextos históricos e de produção dos quais emergiram.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Mário de. *Oliveira Vianna e a Legislação do Trabalho no Brasil 1932 – 1940*. 141f. Rio de Janeiro: Editora LTr São Paulo, 2007.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Pensamento Social Brasileiro: um Campo Vasto Ganhando Forma*. São Paulo: Revista Lua Nova, v. 82, p. 11 – 16, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n82/a02n82.pdf>>. Acessado em: 20/04/2011.

DURKHEIM, Émile. *A divisão do trabalho social*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *As regras do método sociológico*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 17ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

\_\_\_\_\_. *Educação e Sociologia*. Trad. Professor Lourenço Filho. 8ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1972.

\_\_\_\_\_. *Lições de Sociologia: a Moral, o Direito e o Estado*. Trad. Mônica Elahel. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *L'Etat*. Revue philosophique, Paris, n. 148, p. 433-437, 1958. Disponível em: <[http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim\\_emile/textes\\_3/textes\\_3\\_6/durkheim\\_Etat.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/textes_3/textes_3_6/durkheim_Etat.pdf)>. Acesso em: 19/10/2010.

ESPINOSA, Emilio Lamo de; GARCÍA, José; ALBERO, Cristóbal. *La Sociología del Conocimiento de la Ciencia*. Madrid: Alianza, 1994

FILHO, Enno Dagoberto Liedke. *Sociologia Brasileira - Tendências Institucionais E Epistemológico-teóricas Contemporâneas*. Sociologias, Porta Alegre, Ano 5, nº 09, jan/jun 2003, p. 216 – 245.

FONTANA, Felipe. *A Presença de Durkheim em Oliveira Vianna: Contribuições ao Pensamento Social e Político Brasileiro*. Pós-Graduação em Ciências Sociais, PGC-UEM, UEM. Maringá, 2013.

FONTANA, Felipe; FERREZIN, Carla C. W. *Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Virginio Santa Rosa: Expoentes de um Pensamento Autoritário no Brasil?* In: IX ABCP: Brasília, 2014.

JÚNIOR, Léo Rodrigues. *Karl Mannheim e os problemas epistemológicos da Sociologia do Conhecimento – É Possível uma solução construtiva*. Porto Alegre: Revista Episteme, n. 14, p. 115-138, jan./jul. 2002.

LÖWY, Michael. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*. 5ªed. Trad. Juarez Guimarães e Suzanne Felicie Léwy. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico de Nosso tempo*. 3ªed. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1973.

\_\_\_\_\_. *Ideologia e Utopia*. 3ªed. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1976.

\_\_\_\_\_. *Sociologia Sistemática: uma Introdução ao Estudo da Sociologia*. 3ªed. Trad. Marialice Mencarini Foracchi. São Paulo: Livraria Pioneiro Editora, 1962.

MEUCCI, Simone. *Os Primeiros manuais didáticos de Sociologia no Brasil*. Estudos de Sociologia, V. 6, n. 10, p. 121–158, 2001. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/184/180>>. Acessado em: 30/05/2011.

OLIVEIRA, Márcio de. *Durkheim, a política e o estado*. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=3681&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=3681&Itemid=171)> Acesso em: 21/02/2010.

\_\_\_\_\_. *O Estado em Durkheim: Elementos para um debate sobre sua Sociologia Política*. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, V.18, Nº 37, p. 125 – 135, Outubro, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n37/09.pdf>>. Acessado em: 30/12/2010.

OLIVEIRA, Paulo Salles. Apresentação. In: \_\_\_\_ (org). *Metodologia das Ciências Humanas*. 2ªed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Sujeitos Criadores*. In: \_\_\_\_\_. *Vidas compartilhadas: Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 1999.

TÔRRES, Vasconcelos. *Oliveira Vianna – sua Vida e sua Posição nos Estudos Brasileiros de Sociologia*. 1ªed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1956.

VENANCIO, Giselle Martins. *Na Trama do Arquivo: a Trajetória de Oliveira Vianna (1883 – 1951)*. Disponível: < [http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2003\\_dout\\_ufrj\\_giselle\\_martins.pdf](http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2003_dout_ufrj_giselle_martins.pdf)>. Acessado em: 12/01/2012.

VIANNA, Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras (Primeiro e Segundo Volume)*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1955.

\_\_\_\_\_. *Instituições Políticas Brasileiras (Primeiro e Segundo Volume)*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1999. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>>. Acessado em: 20/09/2010.

\_\_\_\_\_. *Populações Meridionais do Brasil: Populações Rurais do Centro Sul (Paulistas-Fluminenses-Mineiros)*. 4ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Volume I).

\_\_\_\_\_. *Populações Meridionais do Brasil: Populações Rurais do Centro Sul (Paulistas-Fluminenses-Mineiros)*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 2005. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>>. Acessado em: 20/09/2010.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Organização e Problemas de Direção: o Povo e o Governo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Record Cultural, 1974.